

ENSINO DE HISTÓRIA: DESAFIOS E IMPASSES NO MUNICÍPIO DE CACIMBINHAS-AL

Resumo: Este artigo apresenta um estudo de caso realizado no município de Cacimbinhas, localizado no interior de Alagoas, tomando como amostra duas escolas públicas e uma privada, a Escola Estadual Muniz Falcão, a Escola Municipal Liceu Cacimbinhense e o Centro Educacional Prof^a Darcy Duarte de Amorim, respectivamente. O estudo objetiva tornar pensável e pública a reflexão acerca do ensino de História, suas demandas e desafios no tempo presente. A fundamentação teórica percorre os saberes de Jörn Rüsen, Sérgio Haddad e Circe Bittencourt. Para a realização desta pesquisa, trabalhamos com a escuta de profissionais da área de humanas, como também efetiva escuta dos alunos através de questionário e aulas dinâmicas experimentais aplicadas para obtenção de resultados que evidenciaram como o professor pode contribuir no seu fazer pedagógico para melhorar o desempenho escolar de seus alunos, despertando o gosto pela História tornando o âmbito da sala de aula um espaço atrativo e rico em possibilidades.

Palavras-chave: Ensino; História; Desafio.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Mergulhados em um cenário político e econômico extremamente preocupante em nosso país, marcado por golpes contra a democracia, pelo negacionismo científico e o obscurantismo que vêm se materializando em um conjunto de políticas que atacam e ameaçam as Universidades e a educação básica, como também a figura do professor em seu ofício, trataremos neste trabalho das demandas sociais, políticas e educacionais que são colocadas aos professores e estudantes, bem como os desafios que permeiam o ensino e a prática da disciplina de História.

Diante das expostas ameaças à permanência da História nos currículos escolares, precisamos discutir mais do que nunca e re(pensar) as práticas docentes e sua importância na vida cotidiana dos estudantes. Fazer entender a importância de estudar a História aos jovens que já rotulam a disciplina como chata, é sem dúvida uma das maiores demandas. A

partir desse entendimento, um desafio se coloca: como conectar a História discutida nas Universidades na educação básica contextualizando com a realidade do aluno?

A partir deste entendimento, escutamos profissionais da área das ciências humanas, no Município de Cacimbinhas, a fim de compreendermos quais são os desafios no dia a dia escolar de professores e alunos. Este foi o ponto de partida que nos levou para outra abordagem no presente estudo: a desvalorização profissional por conta da falta de reconhecimento, falha na formação continuada, salas de aulas demasiadamente cheias, baixos salários e entre outros problemas. Além destes aspectos, destacamos a pluralidade de condições sociais dos alunos, pois muitos vivem em situações de extrema pobreza e discriminação social e esta realidade em muitos casos compromete seu desempenho escolar impactando diretamente no comportamento do próprio aluno.

Acreditamos na importância do presente trabalho no sentido de apresentar e refletir sobre quais são as demandas e desafios do ensino de História hoje postos aos educadores em Cacimbinhas-Alagoas, tornando pensável e pública a análise acerca do atual cenário político educacional para que possamos repensar e ressignificar nosso fazer pedagógico, na defesa de uma educação pública democrática e de qualidade para todos e todas.

2 O CENÁRIO POLÍTICO EDUCACIONAL DE CACIMBINHAS: A VERDADE NUA E CRUA

É notório que as discussões acerca do ensino de História em escolas públicas brasileiras são extremamente amplas. O atual cenário educacional em Cacimbinhas abre um leque de possibilidades para estas reflexões. De um lado temos uma demanda grande de alunos carentes, envolvidos em realidades sociais cada vez mais deploráveis, este fato reflete diretamente no processo de ensino aprendizagem e na disciplina desses alunos em sala de aula. Por outro lado, temos uma escola com infraestrutura sucateada, com professores desvalorizados e desmotivados, ou seja, a educação pública em Cacimbinhas ainda enfrenta problemas que a educação brasileira de modo geral enfrenta. Sabemos que a educação pública do país visivelmente não é uma das prioridades nos programas do governo brasileiro. Estes fatos não são recentes e nem são problemas exclusivamente de cunho local ou partidário, mas sim um problema nacional, pois desde os primórdios da educação no Brasil esta área não é vista com prioridade.

A educação nunca foi prioridade; faltou e continua faltando aos governantes o realismo que faz encarar os problemas à luz das condições sociais do nosso contexto nacional; faltou e ainda falta, sobretudo, ao nosso cenário, condições e ferramentas para que, os professores qualificados e intelectualmente preparados, juntamente com muitos outros setores da sociedade, possam levar avante um projeto educacional que atenda às necessidades de nosso povo. (ALVES, 2009, p.84).

Nesse sentido, Alves afirma que o governo brasileiro precisa priorizar a educação no país, pois esta carece de mecanismos que preparem o professor profissionalmente e intelectualmente para atender aos anseios de uma sociedade plural e que está em constante transformação. Para tanto, é necessário que todos os segmentos que representam e configuram a educação brasileira repensem o projeto educacional existente de maneira que floresça uma educação que atenda as mudanças de homens e mulheres no tempo.

De acordo com Freitas (2006), são muitos os problemas que estão presentes na educação do nosso país, em especial na educação pública, que incidem no baixo desempenho dos alunos frente a diversos índices de avaliação da educação. O aspecto do rendimento, atualmente, ainda esbarra em diversos outros problemas encontrados na escola, como a indisciplina, violência, evasão escolar, desrespeito a autoridades, falta de limites, desobediência, vícios em drogas, depressão, entre outros.

Nesse sentido, Freitas (2006) sugere que medidas sejam tomadas para se elevar esses índices insatisfatórios melhorando, também, a qualidade de vida desses alunos, como por exemplo, maior investimento para as escolas e professores, valorização dos profissionais, implantação de medidas políticas educacionais a longo prazo, novas metodologias de ensino que conectem a realidade do aluno ao estudo, inovação e tecnologia em sala de aula. Além destes fatores, precisa existir a mobilização das famílias, e da sociedade em geral, para que todos percebam a importância da participação de todos no cotidiano escolar e como essa presença é fundamental na formação cidadã dos discentes.

Nas escolas públicas cacimbinhenses sofremos com a falta de estrutura mínima de trabalho, claro que isso pode modificar de acordo com cada estado e cada município, mas de forma geral os problemas são basicamente os mesmos. Para (VIEIRA, 2001), a estrutura e o funcionamento de uma escola dizem respeito à organização do sistema escolar, estrutura se refere aos prédios, instalações físicas, como bibliotecas, laboratórios, sala de

aula, quadra, banheiro etc. A falta de estrutura mínima de trabalho é um dos principais problemas encontrados, algumas escolas ainda usam lousas de giz, outras possuem a lousa de pincel, porém em más condições de conservação, além disso encontramos mesas e cadeiras quebradas.

É importante enfatizar que uma escola bem estruturada não é sinônimo de bom funcionamento. Nesse sentido, tem razão (SILVA *et al.*, 2014) quando diz que é possível encontrarmos escolas com boa estrutura e mau funcionamento, também o inverso pode acontecer, pois a busca de uma estrutura e funcionamento plenos é um desafio permanente para os que trabalham neste âmbito da atuação humana.

Assim podemos perceber que a qualidade do ensino público em Cacimbinhas, e em outros lugares do Brasil, está longe do ideal. Isso acontece devido às atitudes governamentais estarem pautadas principalmente em dados estatísticos, visando atender as demandas internacionais de cunho neoliberal, com isso, ampliou-se consideravelmente o acesso à educação.

[...] o governo brasileiro, nos últimos anos, produziu profundas reformas de natureza neoliberais na economia e na estrutura do Estado. [...] Os principais resultados dessas reformas, dentro dessa lógica, são quantitativos, cresce cobertura e acesso, principalmente no Ensino Fundamental, porém com recursos limitados. A consequência dessa política foi a enorme perda de qualidade no ensino público (HADDAD, 2003, p. 48).

Essa ampliação do acesso à educação sem o acompanhamento de programas que visam a melhora da qualidade no ensino tem sua consequência tanto na qualidade de ensino quanto no processo de aprovação e reprovação dos alunos. Sobre este segundo ponto, algumas instituições, visando cumprir com as estatísticas de número de alunos com ensino fundamental ou médio concluídos, aprovam estudantes sem o mínimo conhecimento desejado para as séries, o que irá impactar futuramente no acesso desses alunos a empregos e a universidades.

2.1 O ENSINO EM CACIMBINHAS: SABERES DOCENTES PARA O PROFISSIONAL DE HISTÓRIA

Passadas tantas mudanças e modificações no tempo, se faz necessário repensar a maneira pela qual a educação, em especial o ensino de História, tem sido trabalhada atualmente a fim de alinhar os saberes adquiridos na escola com a vida prática dos alunos.

Há, também, uma necessidade de se repensar as práticas de ensino e de atuação docente que não são mais efetivas no atual cenário.

É fundamental fazer uma reflexão acerca dos saberes e da formação do corpo docente nesse contexto. Assim, para Libâneo (2007), quando é realizada uma reflexão sobre a docência, é fundamental compreender que o conceito de docência não se restringe apenas ao ato de ministrar aulas, mas inclui todas as atividades educativas que acontecem nos espaços escolares ou não escolares. Nesse sentido, a atuação docente deve estar sempre em constante aprimoramento e revisão, na maneira de atuar e nas atividades propostas com os alunos.

Quando se trata dos saberes docentes, é importante ter a visão de que os saberes, conforme explica Tardif (2002), possuem origem através de um meio e de uma construção social e mental. Estas construções perpassam a identidade, a história profissional e a experiência de vida do professor. Assim, ao se refletir sobre a profissão docente, Tardiff (2002) explica que esta se constitui pelo conjunto de saberes, os saberes docentes. Estes saberes, de acordo com Nóvoa (1992) são construídos durante a formação do professor e continua através de um processo de reflexão crítica sobre sua prática e de uma construção permanente da sua identidade profissional.

Nessa mesma visão sobre a formação contínua do docente, Paulo Freire (1996) reflete sobre o professor como um educador, como um homem que é um ser de práxis, da ação e da reflexão.

Nesse sentido, Freire (1996) explica que:

Nestas relações com o mundo, através de sua ação sobre ele, o homem se encontra marcado pelos resultados de sua própria ação. Atuando, transformando; transformando, cria uma realidade que, por sua vez, envolvendo-o, condiciona sua forma de atuar (FREIRE, 1996, p.28).

No ensino de História, a relação com o mundo e a experiência adquirida com este, constitui aspecto muito importante na formação do professor, tendo em vista a necessidade de diálogo da realidade com os atos históricos. Assim, o olhar ampliado para os fatos e acontecimentos presentes possibilitam ao docente uma amplitude de conexão ainda maior com o conhecimento passado. Diante disso, Fonseca (2003, p. 94) esclarece que:

A proposta de metodologia do ensino de história que valoriza a problematização, a análise e a crítica da realidade, concebe alunos e professores como sujeitos que produzem história e conhecimento em sala de aula. Logo, são pessoas, sujeitos

históricos que cotidianamente atuam, lutam e resistem nos diversos espaços de vivência: em casa, no trabalho, na família, etc. (FONSECA, 2003, p.94).

O professor de História tem como desafio lidar com mudanças sociais, com diversos grupos étnicos, culturais, de valores e ideais diferentes em sala de aula. Também é necessário que o professor saiba trabalhar diferentes formas de atuar para lidar com tantas informações presentes no cotidiano dos alunos. Impactados com as tecnologias, os alunos possuem acesso a milhões de informações diferentes em questão de segundos e o professor deve estar apto a lidar com este fato, filtrar as que são pertinentes ao estudo e fazer a conexão com o conhecimento trabalhado em sala de aula. Nesse sentido, em se tratando da formação docente para lidar com tantas mudanças, Bittencourt (2012) esclarece que:

A sua formação não se restringe a um curso de História, engloba ainda áreas das Ciências Humanas, como Filosofia, Ciências Sociais etc. Em geral, essa formação começa e termina no curso de graduação. Formado, o professor de História, como tantos outros, envolve-se com encargos familiares, com a luta pela sobrevivência e quase sempre não dispõe de tempo nem de dinheiro para investir em sua qualificação profissional. Seu cotidiano é preenchido com múltiplas tarefas; seu tempo de viver é fragmentado, dilacerado pelas preocupações muitas vezes contraditórias entre sua profissão, família e progresso cultural. (BITTENCOURT, 2012, p.55).

Estas dificuldades, muitas vezes, são obstáculos no trabalho pedagógico. Entretanto, é importante que o professor pense em estratégias para ultrapassá-las, tendo consciência de que essas dificuldades fazem parte da realidade brasileira e não acontecem de maneira isolada. Assim, é importante que o professor saiba a importância de sempre estar aperfeiçoando suas aulas, mesmo diante das adversidades. Esta postura pode, inclusive, ser utilizada para influenciar o pensamento dos alunos e construir uma criticidade acerca do mundo atual. Nesse âmbito, Bittencourt (2012, p. 57) acrescenta que:

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber fazer, o saber fazer bem, lançar os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vistas. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemática (BITTENCOURT, 2012, p.57).

Ainda é importante que o docente tenha conhecimento metodológico orientado para o estudo da disciplina e das possibilidades de atuação com os alunos. A última versão da BNCC estabelece a possibilidade do docente utilizar símbolos regionais no contexto do ensino de História, por exemplo e, nesse sentido, a aplicação de metodologias que permitam um vínculo da realidade com o acontecimento histórico. Brasil (1997) explica que:

A escolha metodológica representa a possibilidade de orientar trabalhos com a realidade presente, relacionando-a e comparando-a com momentos significativos do passado. Didaticamente, as relações e as comparações entre o presente e o passado permitem uma compreensão da realidade numa dimensão histórica, que extrapola as explicações sustentadas apenas no passado ou só no presente imediato (BRASIL, 1997, p.37).

Esse conhecimento, atrelado à experiência profissional e de vida do docente pode ampliar ainda mais sua atuação junto aos alunos ao refletir sobre fatos e possibilitar o vínculo entre a realidade e o contexto histórico estudado, trazendo muito mais sentido para a formação dos alunos. Assim, Brasil (1998, p. 30) acrescenta que:

O saber histórico tem, desse modo, possibilitado e fundamentado alternativas para métodos de ensino e recursos didáticos, principalmente para valorizar o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Por outro lado, ao constatarem que as abordagens e os conteúdos escolares não explicam as problemáticas sociais contemporâneas nem as transformações históricas a elas relacionadas, professores e educadores buscam outros modos de compreender a relação presente/passado e de historicizar as questões do cotidiano. Além disso, os profissionais da escola têm procurado manter relações e compromissos mais estreitos com a realidade social, propondo uma melhor compreensão dessa realidade e encarando-a como diversificada, múltipla, conflituosa, complexa e descontínua. (BRASIL, 1998, p.30).

Um das questões que desafiam o dia a dia do professor de História é a aplicabilidade da disciplina na vida prática dos alunos, bem como fazer uma contextualização que lhes saciem o entendimento sobre a importância da disciplina. É notório que há um distanciamento entre o conhecimento adquirido na universidade e como ele é produzido e aquele que aprendemos na educação básica. Sobre esta questão Jörn Rüsen defende que “[...] a História como uma matéria a ser ensinada e aprendida tem de passar por um exame didático referente à sua aplicabilidade de orientar para a vida” (RÜSEN, 2012, p. 36).

Nesse sentido, Rosane Machado de Oliveira (2017) contribui ao afirmar que:

É imprescindível, que a escola, a sociedade e a comunidade escolar em geral, repensem o currículo e a relevância do conhecimento histórico na vida dos discentes que chegam até a escola. Mas, esse repensar sobre o aprendizado de História, deve ocorrer de forma ética, coletiva, com compromisso cultural, educacional e social, na busca de agregar valores ao ensino de História (OLIVEIRA, 2017, p.5).

Notamos que há uma lacuna entre o conhecimento produzido na universidade e como ele é repassado nas salas de aula. Esse fato acontece pela separação do saber histórico científico (aquele produzido nas universidades) e da própria didática da História. Há uma lacuna entre escrever e ensinar História. Este impasse entre a teoria e prática do saber histórico contribui para formar professores despreparados e inseguros que muitas vezes não sabem responder satisfatoriamente o questionamento sobre a razão de se estudar História.

Esta falha está na própria formação do professor. Enquanto houver diferença entre professor pesquisador e professor reproduzidor do conhecimento do pesquisador não teremos uma educação de qualidade, pois “não podemos pensar em qualidade da educação se não investirmos na qualidade da formação dos futuros professores” (LIBÂNEO, 2013, p.28.).

Para ajudar a entender o que promove este distanciamento entre a História das universidades para a História da vida prática dos alunos, Paul Ricœur (2012) faz um levantamento:

Como ligar o ensino de história à preocupação com o presente e com o futuro que os adolescentes podem experimentar? Essas questões colocam-se na realidade porque a história, aquela que os historiadores contam e tentam explicar e interpretar, parece estrangeira ao que os homens fazem e experimentam (RICŒUR, 2012, p. 369).

É por esses e outros motivos que a permanência da matéria de História nos currículos escolares fica a mercê de políticos e ministros que por desdenhar sobre a sua importância, coloca-a num patamar entre as matérias menos importantes do currículo, a ponto de sugerirem que a mesma seja opcional no ensino médio. Sabemos que muitos professores ainda não fizeram sua lição de casa que é usar o ensino de História para orientar para a vida, como sugere Jörn Rüsen. Diante destes impasses e desafios de se ensinar História, está mais do que na hora dos professores “despertarem” do comodismo de leitura e compreensão de textos para incentivar os alunos a desenvolver pesquisas, partindo do conhecimento empírico.

3 SER PROFESSOR: ENSINAR PARA INSPIRAR

Durante o período de 2014 a 2017, algumas metodologias de ensino foram inseridas no contexto dos alunos participantes das duas escolas pesquisadas, tanto da rede pública quanto da rede privada. Essas formas de ensino consistiram em atividades testadas em um ambiente real para se despertar o interesse, motivar os alunos, aproximar o contexto dos alunos com o conhecimento de História, dinamizar as aulas, aumentar a participação dos alunos e gerar uma conscientização, criticidade e um pensamento mais amplo acerca dos acontecimentos históricos. O resultado dessa prática foi a verificação de alunos satisfeitos, mais engajados e apresentando um ótimo rendimento nas avaliações. Essas atividades serão ilustradas a seguir, através de fotos, servindo como exemplo e sugestão para melhorias no ensino da História nas escolas.

Atividade 1 O historiador e suas fontes

A atividade a seguir foi realizada com alunos do 6º ano da rede privada de ensino de Cacimbinhas e consistia em orientar os alunos a trazerem para a aula alguns documentos pessoais, como álbum de fotos, brinquedos, vestimentas de infância sua ou de parentes. Em dupla os alunos contaram a História de seu colega de classe através dos elementos que eles trouxeram. O objetivo foi mostrar ao aluno que estes elementos podem ser muito úteis para fins de investigação futuras, pois servem como fontes históricas.

Figura 1- Atividade: o papel do historiador e fontes históricas



Fonte: elaboração da autora, 2018.

Atividade 2 - Substituindo a avaliação escrita por uma coreografia que contasse a História de um povo

A atividade fez parte de um trabalho de recuperação avaliativa de notas dos alunos que consistia em uma apresentação de coreografia da música oriental resgatando a cultura para dentro de sala de aula através de paródias, substituindo a avaliação tradicional.

Figura 2- Atividade: coreografia musical



Fonte: elaboração da autora, 2018.

Atividade 3 - Torta na cara

A atividade levou os alunos a brincarem de torta na cara. Os estudantes foram orientados a se prepararem e estudar o mundo grego. Em sala de aula, a turma foi dividida em dois grupos que responderam perguntas sobre o assunto. O aluno que não conseguisse responder levaria uma torta na cara da outra equipe. O grupo vencedor recebeu uma pontuação extra na avaliação.

Figura 3- Atividade: torta na cara



Fonte: elaboração da autora, 2018.

Atividade 4 - Game on-line

Sobre o assunto “As grandes navegações”, os alunos foram orientados a estudarem para participar, em sala de aula, de um *game on-line* sobre o assunto. Os estudantes foram divididos em duas equipes. A equipe vencedora foi a que acumulou mais pontos nas perguntas do *game*. A atividade desafiadora provocou a motivação dos alunos para o estudo do tema proposto.

Figura 4- Atividade: game on-line



Fonte: elaboração da autora, 2018.

Atividade 5 - Dramatização

A atividade de dramatizar visou recriar um contexto através de uma encenação, além de trabalhar a criatividade e novas formas de pensar, pôde ser utilizada em sala de aula para tornar a atividade mais interessante aos alunos. Na atividade em questão, o tema tratado foi a Reforma Protestante e os alunos ensaiaram um roteiro fornecido pela professora, escolheram os personagens e se prepararam para uma apresentação aos demais alunos da escola.

Figura 5- Atividade: dramatização



Fonte: elaboração da autora, 2018.

Atividade 6: programa de TV

Nesta atividade a professora entregou um roteiro aos alunos, como o de um programa de televisão, e distribuiu os papés (apresentador, repórteres, plateia, equipe técnica). Os alunos teriam que apresentar o programa abordando o tema da aula “Nazifacismo”. Na atividade tiveram que abordar o conteúdo e debatê-lo, apontando descobertas e curiosidades sobre o assunto, ou seja, abrir um espaço para discussão. A atividade foi filmada para que todos pudessem compartilhar entre os colegas.

Figura 7- Atividade: progrma de TV



Fonte: elaboração da autora, 2018.

Estas experiências com aulas exitosas mostraram que é possível ensinar História além do livro didático, do quadro e da cadeira do aluno, provocando situações desafiadoras em todas as dinâmicas despertando o espírito competitivo e senso crítico dos alunos. Mostrou também que é possível viajar na sala de aula sem sair dela, e que tudo depende da forma como o professor conduz a sua aula e quais objetivos deseja atingir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tantas constatações percebidas com este estudo, entendemos que enquanto professores(as) de História não podemos nos furtar do compromisso que temos com a educação, pois precisamos ultrapassar o que já está posto enquanto ensino na cultura escolar.

Neste campo de debate, as análises do historiador Jorn Rüsen são significativas. Ele defende que “[...] a História como uma matéria a ser ensinada e aprendida tem de passar por um exame didático referente à sua aplicabilidade de orientar para a vida (RÜSEN, 2012, p,36). Respeitando suas reflexões, acreditamos que a História enquanto ciência precisa estar atenta às demandas e desafios cotidianos do nosso tempo e orientar a vida prática dos nossos educandos.

E aí vale estabelecer com os alunos relações afetivas e respeitadas, perceber que os mesmos têm e trazem experiências gigantescas e que a partir daí, possamos construir um projeto de trabalho mais autêntico e significativo para todos e todas. Que nos permitamos um alargamento infinito de temas, pesquisas, recursos didáticos, pedagógicos e linguagens diversas, para que possamos ampliar nossas reflexões e ações no que tange as relações envolvendo a História em sua aplicabilidade e suas conexões com as demandas do tempo presente de professores(as) e estudantes.

Sendo assim, acreditamos na importância deste trabalho no sentido de ampliar as reflexões sobre novas abordagens de ensino e contribuir para que futuros leitores (professores) possam, a partir deste levantamento, tornar pensável a necessidade de modificar-se enquanto profissional, recriando-se e reciclando-se para desenvolver práticas que atendam as necessidades dos jovens dos dias atuais.

Algumas questões apresentadas nas considerações iniciais não foram tão aprofundadas visto que o tema é amplo e nossa intenção não seria esgotar o tema, mas apenas usá-los para fomentar nosso trabalho. As reflexões aqui apresentadas abrem um leque de possibilidades para outros escritos em trabalhos futuros e, por isso, esperamos que ele seja questionado e discutido, pois as sociedades estão em constantes transformações e a cada dia surgem novos desafios e novas abordagens para o ensino de História.

REFERÊNCIAS

- ALVES, W. L. U. **A história da educação no Brasil**: da descoberta à lei de Diretrizes e Base de 1996. Lins: 2009
- BITTENCOURT, C. M. F. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2012.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. MEC. CNE. 1998a. Parecer CEB 04/98. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília: Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, 29/01/1998.
- DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx>>. Acesso em: 03 fev. 2018.
- FONSECA, S. G. **Didática e prática de ensino de história**. Campinas: Papyrus, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, I. A. **Família e escola**: a parceria necessária na educação Infantil. Presidente Prudente: Unoeste, 2006.
- HADDAD, S. Relatora Nacional Para o Direito Humano à Educação: Projeto relatores nacionais em DhESC – **Plataforma brasileira de Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais**. 2003. Disponível em: <http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/sergiohaddad.pdf>. Acesso: 23 maio de 2018.
- LEONEL, V. **Ciência e pesquisa**: livro didático. Palhoça: Unisul Virtual, 2007.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortes, 2013.
- NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.
- OLIVEIRA, R. M. História: A Necessidade de Repensar o Ensino de História no Âmbito Educacional e Social. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. V.1, n. 2, pp 408-433, 2017.
- RICOEUR, P. **A marca do passado**. Tradução de Breno Mendes e Guilherme da Cruz e Zica. História da Historiografia, 2012.
- RÜSEN, J. **Aprendizagem histórica**: fundamentos e paradigmas. Curitiba: W.A. Editores, 2012.
- VIEIRA, S. L. **Estrutura e Funcionamento da educação básica**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001.